

PORTUGALIA

REVISTA DE TRADIÇÃO, CULTURA E RENOVAÇÃO NACIONAL

VOL. I JANEIRO DE 1926

N.º 4

As consequências coloniasaes da Guerra

No prefacio de um dos volumes das *Origens da França Contemporanea* Taine, admirando quem tem «principios politicos servindo para julgar o passado», declara que até á data só um encontrára, e tão simples que quasi julgava pueril enuncia-lo. Todo elle cabe nesta observação: *uma sociedade humana, sobretudo uma sociedade moderna, é uma coisa vasta e complexa*. Portanto é difficil conhece-la e comprehende-la». E noutro prefacio constata que os principios geradores da Revolução Francesa estão já no *Contracto Social* de Rousseau e que na sua doutrina, hoje dir-se-hia na sua *mystica*, temos vivido d'então para cá.

A grande guerra produziu no mundo um abalo bem maior que o da Revolução Francesa: basta lembrar que o Congresso de Vienna conseguiu por largos annos equilibrar a Europa ao passo que só agora em Locarno, sete annos volvidos sobre o armistício, mal se lançaram os lineamentos do que se pretende vir a constituir a Sociedade das Nações. Mas as ideas essenciaes sobre as quaes se pretende levantar esse edificio e as que durante a guerra serviram como de *leit-motiv* aos alliados, criaram já uma especie de *mystica*, um *espirito novo*, cujas formidaveis manifestações ainda se não patentearam bem, mas que tem produzido phenomenos sociaes com consequências da mais alta magnitude.

Cremos ser licito affirmar que toda a *colonisação* existente até hoje se tem baseado no principio da *superioridade da raça branca*;

o prestigio da civilisação europeia ou occidental foi durante seculos incontestado; não sem ter soffrido alguns abalos: os abexins tinham repellido victoriosamente o ataque italiano, os japoneses vencido estrondosamente o czarismo russo. Mas se alguns espiritos mais observadores iam já tirando as consequencias desses factos, a sua importancia não era do dominio publico. A entrada na guerra das raças chamadas de *côr* por opposição á nossa, a constatação assim feita por elles da nenhuma valia dada aos principios moraes da civilisação christã que lhes prégavamos, veiu rasgar completamente o veu sob que se ocultava a nossa supremacia.

Ao desprezo, sempre corrente entre o indigena para quem préga uma doutrina e segue outra, vem accrescer a perigosissima constatação de que carecíamos delles para vencer povos da nossa raça, e de que portanto a força que representavamos não era já segura de si propria. D'ahi a perguntarem a si mesmos para que continuar a acceitar um dominio que já perdeu prestigio e força vae um passo bem depressa andado. Dizer que tudo isto não é aliás muito bem percebido pelas nações coloniaes que ainda se preocupam com o seu destino seria uma afirmação erronea. Ao decahir bem sentido do seu prestigio colonial têm procurado occorrer com meios novos, com medidas novas d'administração que constituem assim uma outra phase do problema colonial contemporaneo.

A primeira manifestação do *espirito novo* foi o systema dos *mandatos*. «Sob o regimen dos mandatos, escreve um auctor da actualidade, ¹ o indigena já não é protegido, mas sim aconselhado. O character absolutamente transitorio do mandato está expressamente estipulado no artigo do pacto da Sociedade das Nações que o define. O mandato deve durar apenas o tempo necessario para perfazer a educação do povo «mandatado». Ainda agora na decisão da Sociedade das Nações attribuindo o territorio de Mossul ao Iraq, comtanto que o mandato britannico se prorogue por 25 annos, ficou expressamente estipulado que se antes desse prazo o Iraq entrar na Sociedade das Nações, expira *ipso facto* o mandato.

Quer dizer evidentemente que no espirito dos seus criadores as nações mandatadas em breve proclamarão a sua maioridade. E é

¹ Maurice Muret — «Le crépuscule des nations blanches».

uma das mais importantes consequencias do principio wilsoniano estabelecendo o direito dos povos a dispôr de si proprios.

Qualquer que seja a opinião havida acerca da estranha figura do Presidente Wilson não ha duvida que a influencia por elle exercida nas consequencias da guerra é simplesmente formidavel. Com os seus 14 principios metteu na alma dos povos ambições e esperanças impossiveis de desarreigar. Elle partiu sempre quanto á guerra e as suas origens, de um principio falso: a ambição megalomanica de Guilherme II arrastando o seu bom povo á guerra. Ora foi exactamente o contrario que aconteceu e lá está no *Livro amarello* francês o despacho de Jules Cambon registando dois annos antes da guerra a evolução imposta a Guilherme pela opinião militarista. D'ahi veiu a perigosa formula da — paz sem vencedores nem vencidos — d'ahi a idea de preparar o mundo para a democracia, — *Make the world safe for democracy* — segundo a sua phrase typica na mensagem ao Congresso em 25 d'Abril de 1917. Foi muito mais esse ideal que trouxe Woodrow Wilson para a guerra do que o de fazer vencer os Alliados. Estes nunca quizeram ou nunca puderam perceber-lo e desse erro fatal padecerá a humanidade inteira por largos annos ainda.

É certo que mais tarde nas negociações da paz, Wilson teve que se contradizer muitas vezes a si proprio. Sacrificou á Gran Bretanha a liberdade dos mares, negou ao Japão a egualdade das raças, apesar de lhe ter cedido na questão de Chanteug com profunda irritação dos chinezes. Os asiaticos sahiram pois da Paz com mais razão para avigorar a xenophobia sempre latentes nelle. E a facilidade com que a propaganda de Chicherine tem alastrado no Extremo Oriente, a situação cada vez mais perigosa alli criada á raça branca, não tem taívez no fundo outra origem. Recordemos que no Congresso de 1920 em Baku, a guerra ao imperialismo britânico e francês foi declarada, e proclamada a *lucta Santa* contra os Europeus.

* * *

Enfraquecimento do prestigio da raça, recrudescencia dos nacionalismos indigenas, a Gran Bretanha como primeira entre as potencias coloniaes mais tem sentido os seus effeitos. Sob o nome de Imperio das Indias tem no continente asático a mais portentosa

creação da raça branca. Só ella conseguiu dar corpo, ordem e justiça a um territorio maior que a Europa sem a Russia, onde habitam trezentos e vinte milhões d'homens, divididos em setecentos estados, professando nove religiões differentes, fallando mais de trezentos dialectos e linguas. E a ordem, o socego, a tranquillidade alli são taes que ainda hoje a administração dessa immensidade não emprega mais de *cinco mil* funcionarios de raça branca nem occupa mais de setenta mil officiaes e soldados britannicos! E' deveras a obra prima da orgulhosa civilisação anglo-saxonia, uma maravilha na arte de dominar.

Pois ahí mesmo os prenuncios de ruina de tão maravilhoso edificio não são poucos. Sob a influencia das ideas *modernas*, isto é, democraticas, vae-se modificando a mentalidade tradicional dos indios e vão surgindo aspirações nacionalistas. Por seu lado o partido trabalhista, já antes da guerra, e sobretudo durante ella, prégava a necessidade de dar um *Home rule* á India: como se alguma vez ella tivesse sido *nação* ou como se fosse já possivel dar taes fóros a um amalgama de elementos estranhos quando não oppostos. Mas, errada ou falsa, a idea caminhou. Applicou-se quasi preventivamente a theoria dos mandatos. Aceitou-se que a razão de ser do dominio britannico na India fosse prepara-la para o *Self government*. E logo no governo Asquith em 1909 as reformas de Morley iam além do que imaginavam os proprios indios. Veiu a guerra, e logo apoz surge no governo da colligação de Lloyd George a grande reforma Montagu, indo muito mais longe na Constituição de 1919, creando uma *Diarehia*, assembleias legislativas eleitas e o *Office Imperial das Indias*, entre os quaes se divide o Poder, pertencendo o executivo á auctoridade imperial e o legislativo ao eleitorado indio, onde já se manifestam tendencias anti-britannicas. E tanto que sob um pseudonymo que se pretendeu até occultar Lord Curzon, apparecia em 1924 uma obra sensacional — *The lost Dominion* — em que a India é já considerada perdida, visto a Gran Bretanha renunciar de motu-proprio a governa-la como ella pode e deve ser. E' possivel que a opinião seja exaggerada, mas quizemos regista-la porque dá bem a impressão da gravidade da crise em que entrou a supremacia da raça branca na Asia.

E se passamos da India ao Egypto constatamos talvez ainda mais pronunciada a revolta nacionalista contra os beneficios da

acção britannica. E é precisamente no norte d'Africa que vamos encontrar no Riff a primeira tentativa seria de «*libertação do jugo europeu em virtude do direito dos povos a dispôr de si proprios*», segundo a phrase typica da celebre carta d'Abd-el-Krim aos estudantes de Buenos-Ayres, que nos permite agarrar em flagrante o maleficio wilsoniano.

E' certo que Abd-el-Krim teve que reduzir muito as suas primitivas pretensões. Os hespanhoes tomando Adjir tornaram impossivel o sonho do chefe rifenho de fazer da sua capital uma Londres ou Nova York, pois a menos não aspirava quando em 1924 era entrevistado por um jornalista americano. E sob a pressão vigorosa das tropas de Pétain tambem teve que abdicar da idea de conquistar Fez e depôr Muley-Usef. Mas é natural que a sua persistencia e o *espírito de Locarno* acabem por garantir-lhe uma autonomia tornando o Riff, senão *republica-luz* dos seus sonhos, pelo menos um foco permanente d'acção anti-europeia. A defeza constante de Abd-el-Krim, consentida escandalosamente pelos governos franceses aos communistas até na tribuna parlamentar, permite aliás conhecer o perigo proveniente d'essa alliança e d'esse apoio a todas as reivindicações indigenas sob o pretexto de *anti-imperialistas*. E não é esta a menor ameaça dirigida contra a civilisação europeia.

Por outro lado as relações entre o Islam e a civilisação europeia modificaram-se completamente. Por muito tempo, a fixidez da religião islamita, a sua *immobilidade social* era um dogma até para os mais conhecedores do assumpto desde Renan a Lord Cromer para citar dois dos mais celebres. Hoje tudo isso mudou. As proprias auctoridades muçulmanas proclamam a sua evolução, a sua «*adaptação ás tendencias progressivas das sociedades humanas*». Recordam o lustre da civilisação sarracena do Califado de Cordova por exemplo, em frente da rudeza semi-barbara do Imperio de Carlos Magno. E o resurgimento muçulmano é uma idea que já fermenta entre as centenas de milhões de sequazes de Mafoma alimentada pela contradicção flagrante por elles encontrada durante a guerra entre as doutrinas do christianismo e os actos praticados pelos belligerantes christãos. O prestigio da religião christã sofreu entre as populações muçulmanas quer da Asia quer da Africa uma diminuição sensivel correspondendo desde já a uma baixa nota-

vel na propagação da fé de Christo, e á consequente quebra da influencia europeia. E se a insurreição riffenha não teve repercussão na Argelia onde o dominio francês está mais solidamente estabelecido, outro tanto não succede na Tunisia onde a propaganda communista-nacionalista, essencialmente anti-europeia preoccupa já deveras as atenções das auctoridades francesas. Se nos lembrarmos de que a seita puritana dos Vahabitas acaba de conquistar as cidades santas de Medina e Meca expulsando da Arabia o sultão do Hedjaz, Ali Hocem, protegido da Gran Bretanha, installando-se em seu logar Ibn-Saud que pretende realisar a união de todos os Arabes, considerando transfugas os que serviram os Allia-dos contra a Turquia, teremos apontado outro elemento e talvez o mais forte dos que actualmente agitam contra nós a immensa força islamita.

Não tem por ora esta força uma acção preponderante na Africa Austral onde o problema da influencia da raça branca se apresenta sob uma forma muito differente e principalmente *demographica*. A raça branca não se multiplica ao passo que a melhoria nas condições de vida indigena os acresce espantosamente. O recenseamento de 1921 dá na União Sul Africana milhão e meio de brancos para seis milhões d'indigenas. E como o estado geral da sua civilisação tem tambem crescido, o actual governo de Herzog projecta já garantir ao indigena direitos eleitoraes cujo emprego constitue precisamente a mais interrogativa incognita da questão sul africana. Tanto mais que o lemma — *a Africa para os Africanos* — constitue o brado de varias seitas indigenas, caracterisando até um movimento anti-europeu conhecido sob o nome de *Ethiopismo*. Aqui porém as consequencias da guerra fizeram sobretudo sentir-se no acrescimo espantoso da influencia e força do Dominio Sul-Africano dentro do Imperio Britannico e em face da Gran Bretanha, a ponto de modificar as relações com a Mãe Patria sob o ponto de vista das relações diplomaticas, nas quaes segundo a phrase recente e bem expressiva de Smuts, a União será cada vez mais levada á *«procura e defeza dos proprios interesses»*.

Ora assim como aos primeiros tiros da guerra boer annunciámos a futura Constituição do Dominio Sul-Africano, não temos duvida em ver na phrase de Smuts uma nova orientação da sua Politica visto a *unidade diplomatica do Imperio ter acabado*. Bem sabe-

mos que o Governo Imperial pensa em attenuar o mal convidando os Dominios a ter em Londres representação com poderes a definir numa proxima conferencia, onde o problema da sua adhesão ao Pacto de Locarno deve ser estudado. Mas tambem nos não resta duvida desde já que a Inglaterra não intervirá contra a acção de um Dominio *pretendendo defender os seus proprios interesses* seja contra quem fôr. O problema da alliança deve pois por nós ser olhado sob este aspecto novo, não agradavel por certo ao nosso commodismo e devendo impôr-nos urgentes modificações em processos de administração colonial que se não compadecem com a *defeza dos nossos interesses* sobretudo se collidirem com os da União.

Quando o Foreign Office declara que a Gran Bretanha não alimenta ambição alguma sobre o nosso patrimonio colonial affirma evidentemente uma verdade incontroversa; quando proclama a manutenção da alliança diz ainda o que é. Ha poucos annos, em abril de 1921, fallando na African Society, Robert Williams apontava o possivel papel estrategico do caminho de ferro de Benguella «extremamente util no caso d'um bloqueio do Mediterraneo». E' evidente que essa utilidade só perdura emquanto Angola fôr parte integrante do *oldest ally*. E' o serviço do caminho de ferro da Beira, por exemplo, quando da guerra boer. Ha ainda pois, em muitos pontos, a conjugação d'interesses sem a qual não ha allianças possiveis. E, por isso, não julgamos acceitavel a ideia de que a Allemanha possa em territorio nosso vir a receber um d'aquelles mandatos que «podem vir a ser creados». Não faz sentido que a guerra expulsasse d'Africa a Allemanha para agora a paz lhe vir dar alli um lugar *decisivo*. Nem a Belgica nem a União receberiam sem protestos semelhante vizinhança, e na primeira logo elles se levantaram quando das asserções de Williams acima citadas. O proprio *imperialismo* da União encontra alli uma opposição que nos não deve ser indifferente seguir cuidadosamente. Não nos devemos nunca esquecer de que em politica internacional não ha hoje *compartimentos estanques*.» TOUT SE TIENT, como dizem os franceses. E muito mais ainda em politica africana, onde do equador para baixo só ha hoje a Belgica, a União e nós. Toda a nossa acção externa, a nossa propria situação depende da obra que soubermos executar nas duas costas d'Africa, exactamente por estar-

mos em campo com duas formidáveis actividades. O projecto imperialista de Rhodes, traduzido na carta d'Africa pela via ferrea Cabo-Cairo, não foi atirado pela União para a região dos devaneios. Não esqueçamos a lição do *mappa côr de rosa*. Por outro lado o problema da *Embocadura do Congo* é discutido actualmente na imprensa colonial belga aventando-se até uma troca de territorios nossos alli com outros belgas lá para o Dilolo. São tudo consequências colonias da guerra, repercutindo em Africa em tantos interesses novos criados. Nós não soubemos aproveitar a guerra nem sequer para consolidar os nossos. E a razão fundamental de todas as nossas preocupações colonias da hora presente *está* *ahi*.

AYRES DE ORNELLAS